

## **Algumas perspectivas sobre a relação entre literatura e crítica: o caso de *A letra escarlate***

*Amanda Fievet Marques\**

### **RESUMO**

O artigo visa à apresentação de três perspectivas críticas sobre a obra *A letra escarlate* (1850) de Nathaniel Hawthorne. Essa demonstração parte dos ensaios de Henry James (1879), D. H. Lawrence (1923) e Clark Davis (2005), e servirá aos propósitos de pensar tanto as relações entre literatura e crítica, como a possibilidade de elaboração de uma história não-linear ou trans-histórica da literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura do século XIX; Crítica literária; História da literatura; Nathaniel Hawthorne.

### **Introdução**

Diante das inúmeras relações possíveis entre literatura e crítica, é de nosso interesse destacar que a crítica opera através da atribuição de sentido, e que a literatura como produção de sentido independente, resiste ou recusa um sentido único. Ela permite a proliferação de interpretações, que estabelecem com a obra uma relação que temporalmente privilegia um aspecto do texto literário, que pode parecer ou não evidente ao leitor. Nesse artigo propomos a realização de um estudo de caso da obra *A letra escarlate* de Nathaniel Hawthorne, privilegiando a análise da relação de três perspectivas críticas: a de Henry James (1879), D. H. Lawrence (1923) e Clark Davis (2005). Nos três casos será possível notar que a relação entre crítica e literatura varia, e que essa variação corresponde a diferentes atribuições de sentido à relação entre literatura e entorno social.

Convém que se faça, em termos de introdução, uma referência do problema descrito acima, o das relações entre literatura e crítica, à própria possibilidade, que aqui

---

\*\*Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas. São Paulo. Brasil. [amandafievet@gmail.com](mailto:amandafievet@gmail.com)

nos interessa, de elaborar outra história literária. No que tange especificamente à questão da história, é razoável marcar, diante da proliferação de sentidos que essa ideia pode assumir, a nossa posição. Para nós, não há oposição entre mito e história, e como bem definiu o antropólogo Claude Lévi-Strauss, a história atua entre nós miticamente, pois tanto quanto o mito ela age como estrutura simbólica, isto é, atribuindo significado. Lévi-Strauss (1976, p. 239) irá propor pensar no fato histórico como constituído pelo historiador, isto é, “(...) não é mais *dado* que os outros (...)”, logo a ideia é de que a história não é o real, não é objetiva, mas mítica: história como grade que se projeta sobre o passado, e introduz coordenadas que tornam compreensível o presente. Como outra face dessa concepção simbólica, ele ressalta que, como significado para nós, prevalece o sentido da história evolucionista, linear, marcada pela ideia de progresso. O nosso ponto é que a transposição dessa filosofia da história, linear e progressista, que contemporaneamente parece ser hegemônica no modo de pensar a literatura, é quase um procedimento museológico e mortuário: pensar os autores em progressão linear é mantê-los como que empalhados.

Quer dizer, como é possível pensar historicamente a literatura ou, no nosso caso, *A letra escarlate* sem moldá-la de modo estanque e infrutífero em tijolos consecutivos, de modo a assumir uma temporalidade racional, retirando-lhe toda a criatividade própria ao trabalho literário e crítico? É preciso pensar uma história da literatura que não proceda meramente identificando as obras a escolas literárias, categorias e características definidas *a priori*, mas que extraia delas um problema. Desse modo, pensamos numa história da literatura que não seja a de um passado, mas voltada para o futuro. Pensando assim os autores como pensadores, como propositores de problemas, que possibilitam a transformação dos leitores, e evidentemente, da dimensão social e política em que as práticas de criação e leitura se dão. Os escritores não são antiguidades, a história da literatura não pode ser um antiquário. Assim, a concepção adotada aqui é a de que as perspectivas críticas oferecidas sobre *A letra escarlate* extraem um problema da obra, dizendo respeito às relações humanas no que tange à vida e à sociedade.

### **Sobre *A letra escarlate***

De 1850 é o romance *A letra escarlate*. A narrativa se concentra em quatro personagens, Hester Prynne e sua filha Pearl, o pastor Dimmesdale e o médico Roger Chillingworth, numa pequena colônia da recém-fundada cidade de Boston no século XVII. O que o leitor acompanha desde o início é o doloroso desenvolvimento da vida de Hester desde sua saída da prisão, a que foi condenada por adultério. Hester chega a Boston casada, mas seu marido está desaparecido, e depois de dois anos ela aparece grávida. A narrativa irrompe já da porta da prisão, quando Hester aparece com a letra A bordada em tons de escarlate e dourado sobre seu busto. O que temos então não é o desenvolvimento da situação de adultério que levou à condenação, a narrativa de Hawthorne começa justamente pelo fim, quando Hester sai com o bebê nos braços, e deve ficar exposta no cadafalso à vista de todos.

Toda a argúcia de Hawthorne nesse primeiro momento é o de constituir o ambiente de uma sociedade profundamente amparada em valores morais e religiosos, que guiam o exercício da justiça, cuja ação se exerce expondo e espicaçando os que são tidos como viciosos. Mas é claro que não se trata só disso. Hawthorne desde o primeiro momento confere atenção ao pastor Dimmesdale, tão frágil e exausto, na história do adultério misterioso de Hester. E é ao longo da observância de seus gestos, e depois do desejo de vingança de Roger, ex-marido de Hester, que fica evidente que foi o pastor reverenciado por todos os puritanos, que pecou com a espúria Hester, sob os olhos de todos:

Apesar de seus dons naturais e de suas realizações eruditas, o jovem clérigo exalava um aspecto de apreensão e alarme, tinha uma expressão um tanto assustada, como uma criatura que se encontra perdida nos caminhos da existência humana e somente se sentisse à vontade recolhida em si mesma (HAWTHORNE, 2011, pp. 80-1).

E aqui tudo já é muito interessante. Pois percebe-se que não se trata para Hawthorne de escrever um romance moralista, em que os viciosos são punidos. Há no romance uma construção das personagens e da situação que conduz gradativamente a

uma inversão de valores, que brinca com a rigidez com que a sociedade se atém às ideias de bem e mal, certo e errado, sagrado e profano. O santo pastor é o pecador infame; a pecadora, bordada com a letra escarlate, converte-se, ao longo da narrativa, em irmã misericordiosa, pois passa a prestar favores a todos da comunidade.

A paixão breve e malfadada de Hester e Dimmesdale é também o meio pelo qual Hawthorne irá dissolver as fronteiras entre verdade e ficção. Ele abre o livro contando sobre seu emprego na alfândega onde encontrou num escritório embolorado e abandonado, relatos de pessoas que conheceram Hester, e retalhos da letra escarlate. É mesmo com a possibilidade de o leitor não poder verificar o ocorrido – se Hawthorne encontrou de fato os relatos, e se alguma vez houve essa mulher, de encanto tão melancólico –, que ele endossa uma tese acerca da verdade da ficção e da ficção da verdade. Nesse caso a verdade da ficção seria segundo o autor, a demonstração da precariedade da justiça humana e a ilusão da virtude; e, a ficção da verdade, a construção de uma sociedade centrada sobre as ideias de bem e mal, a que poucas práticas humanas correspondem, mas que, de todo, enfraquece a existência humana em nome de ideais superiores.

### **Henry James: uma perspectiva biográfica**

Quinze anos após a morte de Hawthorne, em 1879, Henry James publicou um livro sobre seu conterrâneo, sua vida e sua obra. O capítulo dedicado a três dos romances de Hawthorne, tem em sua composição uma seção crítica sobre *A letra escarlate*. E logo de início, James atualiza uma perspectiva biográfica acerca do processo criativo literário, e nesse sentido, mobiliza relatos do editor de Hawthorne à época, e trechos de cartas de Hawthorne, para construir a atmosfera que o autor vivia quando da escrita do romance.

Estamos então no inverno de 1849, e Hawthorne embora seja um autor publicado não é conhecido, e isso o deixa frustrado, além disso esteve doente, e seu trabalho na alfândega não é o ambiente mais propício à criatividade literária. Todos esses fatos embora possam parecer curiosidades, compõem a introdução bem pessoal

que ele escreveu para *A letra escarlate*, em que confessa seu desespero quanto ao bloqueio criativo:

Deixara de ser um escritor de histórias e ensaios ruins, no limite do tolerável, para me tornar um inspetor da alfândega razoavelmente bom. Isso era tudo. Mas, ainda assim, não é muito agradável ser assombrado pela suspeita de que seu intelecto está mingando; ou evaporando sem que você perceba, como éter de um frasco; a cada vez que se olha para ele, o resíduo ali dentro se apresenta em menor quantidade e menos líquido. Quanto a esse fato, não poderia haver dúvidas; e, ao observar-me na comparação com outros, cheguei a algumas conclusões quanto ao efeito do serviço público sobre o caráter, e elas não são muito favoráveis ao modo de vida em questão (HAWTHORNE, 2011, p. 39).

James reconstitui esses fatores, e propõe que não há como compreender a qualidade sombria de *A letra escarlate* sem essa recomposição da história do autor: “O trabalho tem o tom das circunstâncias em que foi produzido. Se Hawthorne estava em uma disposição sombria, e se seu futuro era dolorosamente vago, *A letra escarlate* contém o mínimo de alegria ou esperança” (JAMES, 1963, p. 442, tradução nossa<sup>21</sup>). Mas essas são as condições que antecedem o sucesso imediato da publicação do livro, que é, segundo James, e grande parte do público e crítica da época, a obra-de-arte de Hawthorne, que o alçou à fama. E James tem uma hipótese sobre um dos motivos. A harmonia e refinamento da concepção e a qualidade da linguagem constituíram uma consciência de que era possível aos Estados Unidos, como nação nascente, criarem, em termos de literatura, algo tão bom quanto a literatura que até então era fundamentalmente importada.

Então, James continua sua análise através do procedimento de comparação, nesse caso com uma obra que se debruça sobre o mesmo tema, o de um pastor calvinista que se envolve com uma mulher casada, *Adam Blair* (1822), do escocês John Gibson Lockhart. Esse procedimento é realizado com vistas à obtenção de considerações mais amplas sobre a obra de Hawthorne. E, o que a comparação deixa ver é que o autor, ao

---

21 “The work has the tone of the circumstances in which it was produced. If Hawthorne was in a sombre mood, and if his future was painfully vague, *The scarlet letter* contains little enough of gaiety or hopefulness.”

contrário de Lockhart, debruça-se sobre a sequência de uma história de amor, e não seu desenrolar. Seu interesse se concentra nos efeitos morais da situação entre Hester, seu marido, e o pastor; sendo para James, o pastor a figura principal. A comparação também permite que se note a qualidade pouco sentimental e quase fria da linguagem de Hawthorne. As críticas negativas que James faz a Hawthorne incidem em um desejo de realidade mesclado a um simbolismo e misticismo excessivos, que, segundo ele, às vezes deixam evidente a fronteira tênue entre o sublime e o caricato. Mas todas as pequenas faltas apontadas, depois são tidas como superficiais diante da beleza e concepção de *A letra escarlate*, que é segundo James, maestral só como os grandes o são, ao se deter sobre “(...) as sutilezas e mistérios da vida, o labirinto moral e espiritual” (JAMES, 1963, p. 453, tradução nossa<sup>22</sup>).

#### **Lawrence: a crítica literária como crítica da cultura**

A resenha crítica que Lawrence escreve sobre *A letra escarlate* compõe a coletânea publicada em 1923, sobre a literatura clássica americana. No centro dos ensaios de Lawrence sobre a literatura americana há uma distinção política entre duas espécies de trabalho literário: há, por um lado, uma ficção apartada de uma crítica da cultura, apenas confirmadora dos valores vigentes, e, por outro, uma ficção pungente e não-conformada, que compreende que os valores têm de ser transformados. Para Lawrence, Hawthorne está entre os escritores do segundo grupo. Hawthorne é um dos autores que junto com Benjamin Franklin, Fenimore Cooper, Poe, Melville e Whitman, inspiram a teoria que Lawrence elabora sobre a literatura americana: “Como dissemos, o ritmo da arte-atividade americana é dual. I. Uma desintegração e despojamento da velha consciência. 2. A formação de uma nova consciência por baixo” (LAWRENCE, 1966, p. 330, tradução nossa<sup>23</sup>).

---

22“(...) the subtleties and mysteries of life, the moral and spiritual maze.”

23“As we have said, the rythm of American art-activity is dual. I. A disintegrating and sloughing of the old consciousness. 2. The forming of a new consciousness underneath.”

Então, cerca de setenta anos depois da publicação de *A letra escarlate*, há aqui mais uma expressão crítica sobre a obra, cuja força reside na adoção de uma perspectiva da crítica literária como crítica da cultura. Cultura compreendida como ambiência de valores que pode criar existências humanas sanguíneas e vitais, ou amarelecidas e asfixiadas. Ao contrário de leituras históricas que se debruçam sobre Hawthorne classificando-o, por exemplo como romântico por dedicar-se ao tema da formação da nação, ou como gótico por sua linguagem mística e sombria, Lawrence o lê como um artífice da duplicidade. Isto é, distingue dois níveis em seu romance, um nível superficial, refinado e agradável, e um nível mais profundo, “(...) com um significado infernal” (LAWRENCE, 2010, p. 70).

Para Lawrence, no nível mais profundo, como um murmúrio sussurrado sob toda a narrativa, a intenção de Hawthorne é “(...) destruir a totalidade do psiquismo branco, da consciência branca” (LAWRENCE, 2010, p. 71). Não há assim da parte de Hawthorne nenhuma idealização dos Estados Unidos enquanto nação emergente, o que há é uma aguda consciência dos efeitos danosos e catastróficos dos valores produzidos sob o desejo de pureza. Uma dimensão da interpretação de Lawrence é notar que *A Letra Escarlate* também pode ser lida como releitura do mito adâmico, o mito da queda. Adão e Eva. Dimmesdale e Hester Prynne. Por que se tornam pecadores? As duas histórias giram em torno da ideia de pecado. E o que é o pecado? Lawrence propõe que tanto no Gênesis como em *A letra escarlate*, pecar não é fazer algo, mas ter a consciência de ter feito, saber que se fez algo. O que Lawrence admira em Hawthorne é fazer repensar a ideia de pecado e as atitudes que lhe acompanham: a de saber, e de compreender. E, tanto Hester como Eva são culpabilizadas pela força de sedução, enquanto os homens são inocentados sob a fantasia passiva de terem simplesmente sido seduzidos.

Para Lawrence, “*A letra escarlate* coloca o espetáculo à mostra” (LAWRENCE, 2010, p. 75). Tal é a exímia capacidade de Hawthorne: elaborar o apreço pelo domínio das aparências, da parte dos três personagens: todos mentem, todos pecaram. E o pastor é reverenciado pela comunidade, o médico é reverenciado pela comunidade, e Hester

que depois se torna irmã de caridade, também o é. Sob a perspectiva de Lawrence, quando Hawthorne trava uma relação com os Estados Unidos como nação, não é como um retratista, mas com uma intenção de transformar o legado ético e moral do puritanismo, que leva as pessoas a uma vida cujo conteúdo real é sequestrado por ideais inatingíveis, superiores à vida. A recusa da existência da consciência do sangue e o tratamento do sexo como crime e pecado, nas condições de Hester Prynne, são a denúncia dessa assunção social da consciência mental como verdade que deve prevalecer sobre as verdades do corpo, que é tido como vicioso, e deve ser controlado pelo espírito.

Para Lawrence, *A letra escarlata* é então uma parábola sobre a tolice da pureza. É o pastor que encarna especialmente esse ideal. E, para Lawrence, tanto Hester como Roger desejam vingar-se do pastor. Hester, porque ao seduzi-lo, percebe sua falsidade e não pode mais crer no mundo dos homens. Roger, porque o médico é parte de uma tradição intelectual, e desse modo deseja repelir o pastor, que é um aspirante a essa tradição. Por fim, o pastor deseja vingar-se de todos, da comunidade que encarna a lei e os valores, que o torturam com suas aspirações insensatas. Ele o faz eventualmente na cena final, quando confessa no cadafalso, que toda sua santidade era a roupagem que mascarava seu desejo levado à execução com Hester.

### **Clark Davis: a literatura como modelo ético das relações**

Em *Hawthorne's shyness*, publicado em 2005, o professor da Universidade de Denver, Clark Davis, propõe em seção dedicada a *A letra escarlata*, uma leitura ética da obra, a partir das ideias do filósofo Emmanuel Levinas. No terceiro capítulo, que em uma tradução livre seria *A ética e o rosto – Hawthorne e Levinas*, já vemos claramente que o interesse de Clark Davis é o de propor uma crítica ética de *A letra escarlata*, levando primordialmente em consideração o modo como as personagens se relacionam umas com as outras, e sobretudo, a relação entre autor e leitor.

De início, Davis discorda das críticas que supõem uma indeterminação política de Hawthorne, um não-envolvimento que denunciaria o caráter tóxico de sua timidez.



Apoiando-se no texto crítico de Melville, e nos relatos da mulher de Hawthorne sobre os encontros dos dois, Davis irá propor que o caráter tímido e silencioso de Hawthorne, ao contrário de um não-envolvimento, supõe uma relação com o mundo, e uma relação de escuta, um respeito pelo Outro em sua qualidade irreduzível, um reconhecimento da alteridade como fundamental a um convívio humano que não tenha como base a crueldade, mas a fraternidade.

Nesse ponto, Davis assume a importância da ética do filósofo Emmanuel Levinas para a tessitura de seu comentário crítico sobre *A letra escarlate*. Levinas toma o rosto, a face humana, como expressão de uma alteridade radical: os encontros face-a-face, são a demonstração e reconhecimento de que há algo que não nós mesmos; além de nós, há a diferença do que somos, e agir em sociedade é levar em conta essa diferença em nossas ações. Agir com liberdade e responsabilidade, agir eticamente, é ter no horizonte a alteridade, o rosto do outro como interlocutor indispensável. Levando essa ética do rosto como ética da diferença em consideração, Davis fará uma apreciação da literatura que ressalta a delicada e potente relação entre autor e leitor, e que propõe, para o crítico, uma posição política – a crítica tanto quanto a literatura, em suas possibilidades de reflexão sobre as relações humanas, de modo otimista, e não menos realista, em sua potência de transformá-las.

Davis começa desmontando as leituras usuais que vinham supondo que a centralidade da figura de Hester e sua relação com Pearl na narrativa indicariam uma centralidade da vida doméstica, e um atrelamento da mulher à maternidade. Segundo Davis, a função de Pearl na narrativa não é ressaltar uma posição da mulher como pertencente à vida doméstica, mas a de resguardar a possibilidade de que Hester mantenha ainda relações com os outros, com a comunidade. Desse modo, a menina ocupa a função ética de impedir que Hester se recolha em um isolacionismo possivelmente suicida, e continue em relação com o mundo. A leitura de Davis indica que a relação entre mãe e filha será o modelo para as relações que Hester virá a travar com os outros, tendo plena consciência de sua alteridade, e assumindo eventualmente, a responsabilidade de suas ações com relação aos outros.

É aí que Davis dá um passo além nessa interpretação: a letra escarlate, encarnada em Pearl, não é uma simples punição pelo adultério cometido, mas, força Hester às relações humanas, impedindo um ensimesmamento, como no caso do pastor Dimmesdale. Quando em sua noite de vigília, o pastor encontra-se em um estado miserável com Hester e Pearl, é a partir desse encontro que ela toma a decisão de agir responsabilmente, e contar-lhe que Chillingworth é seu ex-marido, revelando seu plano de vingança de desmascarar o pastor.

A partir dessas considerações, Davis extrai três concepções de verdade que movem as personagens. Hester opera a partir de uma concepção pragmática de verdade, em que contam primordialmente os efeitos de suas ações. Dimmesdale vive sob a concepção platônico-calvinista de verdade, que separa o mundo em essência e aparência, verdadeiro e falso –, e certamente ela tem grande efeito sobre o embaçamento das fronteiras entre lucidez e loucura em que ele se vê finalmente imerso. E, por último, Chillingworth, que crê que a verdade seja objetificada, logo procede em suas relações humanas, através da objetificação do outro – sua mulher e seu inimigo são marionetes para o seu delírio de vingança, e para a afirmação de sua masculinidade.

Para Davis, as intenções autorais de Hawthorne aproximam-se de Hester, o que ele chama de um pragmatismo cético ou trágico – uma suspensão da crença nos valores sociais, para a possibilidade de uma ação que leve em consideração seus efeitos sobre a alteridade: “Nesse sentido Hawthorne seria melhor pensado como um pragmático trágico, alguém que não tem confiança na habilidade da sociedade de permitir que haja distância ética necessária para proteger a 'santidade do coração humano'” (DAVIS, 2005, p. 72, tradução nossa<sup>24</sup>).

## **Conclusão**

---

24 “In this sense Hawthorne might be best thought of as a tragic pragmatist, one who lacks confidence in society's ability to allow for the sort of ethical distance necessary to protect the 'sanctity of the human heart'.”

Enquanto exercício de elaboração de outro modo de pensar a história da literatura, as perspectivas críticas aqui apresentadas sobre *A letra escarlata*, permitem perceber a interpenetração entre literatura e crítica de três modos diferentes: 1) no caso de Henry James, a ênfase é posta em uma leitura biográfica do processo criativo literário, no exímio trabalho de Hawthorne ao elaborar a situação moral central do romance, e na capacidade do crítico em conferir às obras um estatuto estético, já que a todo tempo James refere-se a ela como uma obra-prima; 2) no caso de D. H. Lawrence, a crítica literária é um exercício de extração de um problema político e cultural presente no romance: o dos valores morais puritanos – aqui, a literatura é concebida em sua capacidade transformadora, e o papel do crítico é ser uma ferramenta de apreciação entre os problemas elaborados pelo autor, e a prática da leitura; 3) por fim, com Clark Davis, o procedimento crítico extrai da obra literária um modelo ético das relações humanas, de modo que assim como em Lawrence, tanto a crítica como a literatura são concebidas em relação direta com a dimensão social.

Assumimos com ênfase que não se trata aqui de adotar um relativismo vulgar, que estaria contentado em reconhecer a existência de mais de uma perspectiva sobre *A letra escarlata*. Ver a nossa tentativa dessa maneira envolveria a compreensão de uma uniformidade das perspectivas, e é justamente disso que queremos escapar. Deixamos a uniformidade existir no terreno empoeirado de uma história da literatura linear. As três perspectivas que aqui indicamos expressam a tentativa de pensar um sentido trans-histórico da literatura, que a enxerta de movimento e reconhece sua atualidade, pensando-a em relação íntima com a existência humana, como propôs Paul Ricoeur (2001). Reconhecemos assim duas vias complementares de abordagem da relação entre literatura e crítica: 1) um aspecto antropológico e histórico, a possibilidade de conhecer o que foi o homem em determinado tempo e espaço; 2) e, um aspecto existencial e político, que está para além da temporalidade: a possibilidade de conhecer e transformar o que é o homem em determinada realidade.

## **Some Perspectives on the Relation between Literature and Critics: the case of *The Scarlet Letter***

### **ABSTRACT**

The article aims to present three critical perspectives on the work *The scarlet letter* (1850) by Nathaniel Hawthorne. This demonstration parts from the essays of Henry James (1879), D. H. Lawrence (1923) and Clark Davis (2005), and serves to the purpose of thinking the relationships between literature and criticism, and the possibility of developing a non-linear or a trans-historic history of literature.

**KEYWORDS:** Nineteenth century literature; Literary criticism; History of literature; Nathaniel Hawthorne.

### **REFERÊNCIAS**

DAVIS, Clark. *Hawthorne's shyness – ethics, politics, and the question of engagement*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2005.

HAWTHORNE, Nathaniel. *A letra escarlate*. Tradução de Christian Schwartz. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

JAMES, Henry. *The portable Henry James*. Edited by Morton Dauwen Zabel. New York: The Viking Press, 1963.

LAWRENCE, D. H. *O livro luminoso da vida – escritos sobre literatura e arte*. Seleção, tradução, introdução e notas de Mário Alves Coutinho. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

\_\_\_\_\_. *Selected literary criticism*. New York: The Viking Press, 1966.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

RICOEUR, Paul. *O passado tinha um futuro*. In: MORIN, E. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.